



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



As Micró Redes e os Novos Burgueses: Formas de Recuperação dos Interpretantes da categoria (libertador) e do conceito (Mito Analítico) que acredita a primeira forma de interpretação do real

PAULO TEIXEIRA

Universidade Fernando Pessoa ~ paulotex@sapo.pt

Resumo:

Peter Sloterdijk, filósofo da comunicação diz que, os cidadãos do mundo já mal vivem nesta realidade (grande rede), pelo facto de não terem conseguido dominar os corpos dóceis na grande rede e acabaram por planear a sua fuga para as micro – realidades, as micro-redes da grande rede.

O filósofo evidência que os passageiros são “*apressados e em trânsito*”, pelo facto de terem fugido para as micro – redes e encontram-se, recentemente, na geometria não euclidiana, e a sua influência no exercício da verticalidade do poder vai transitar para uma plena horizontalidade.

Deve-se denunciar que os ditadores da história pelo facto não terem conseguido dominar os corpos dóceis na grande rede, acabaram por fugir para as micró-redes, lares privados. Estes profissionais encontram-se a desenvolver uma nova cultura do mito analítico, mito analítico libertador e mito analítico pós moderno de carácter antropológico.

Palavras-chave:

Corpos dóceis, micro-redes, lares privados, mito analítico libertador.

Peter Sloterdijk, filósofo da comunicação diz que, os cidadãos do mundo já mal vivem nesta realidade (grande rede), pelo facto de não terem conseguido dominar os corpos dóceis na grande rede e acabaram por planear a sua fuga para as micro – realidades, as micro-redes da grande rede.

O filósofo alemão, Peter Sloterdijk afirma através da seguinte citação:

“...Entretanto, os cidadãos do mundo mais resolutos já mal vivem nesta terra – passaram a ser habitantes do país da Complexidade, viajantes da classe grande – vitesse, apressados passageiros em trânsito << neste Hotel da Terra>>...” (Sloterdijk, 2002: 228)

O filósofo salienta que os cidadãos do mundo resumem-se apenas a “*passageiros*” porque a maioria dos burgueses que fugiram para as micro – redes foram assassinados pelos corpos dóceis na grande rede onde foi feita essa chacina através da luta das armas¹.

O filósofo evidencia que os passageiros são “*apressados e em trânsito*”, pelo facto de terem fugido para as micro – redes e encontram-se, recentemente, na geometria não euclidiana, e a sua influência no exercício da verticalidade do poder vai transitar para uma plena horizontalidade.

Os últimos profissionais da civilização pertencentes à direcção do Lar Privado, da Universidade Autónoma de Lisboa, pelo facto terem sido expulsos através da luta das armas pelos corpos dóceis na grande rede e terem perdido quase por completo o acesso aos verdadeiros processos de significação de desenvolvimento civilizacional, economia e política, não só sustentam os valores do mito analítico libertador através dos seus sinais exteriores de ostentação como ainda pretendem em vão recuperar os interpretantes do conceito (Mito Analítico) e da categoria (libertador) em que assenta os discursos da primeira forma de interpretação do real, mito analítico libertador.

Formas de recuperação dos interpretantes da categoria (libertador) que acredita a primeira forma de interpretação do real:

O filósofo francês, Jean François Lyotard afirma através da seguinte citação:

“...-Por causa da Grande Besta Obscura...”, que tantos problemas sociológicos “...causou...” ao longo do desenvolvimento do projecto cultural através das suas tomadas decisões, inscrita nos seus valores, que estabeleceu com a realidade, como “...intrigá-la?...” nas nossas “...cidades...”
“...-Por causa da grande besta² obscura. Como intrigá-la em suas cidades cheias de intrigas? Como deter o olhar do transeunte sobre o cão da Infanta, que ele já conhece de cor?...” (Lyotard, 1996: 49)

A Besta actualmente não se encontra na grande rede mas sim nas micro-redes, e está a querer se expandir “... *expande-se na esfera da sociedade civil, ...*” com o objectivo de assumir “...*a gestão económica da mesma...*” e por fim reivindicar “...*o controlo do Estado...*”

O historiador italiano, Dino Carpaneto afirma através da seguinte citação:

“...A burguesia no decorrer de muitos e longos séculos expande-se na esfera da sociedade civil, assume a gestão económica da mesma, reivindica por fim o controlo do Estado...” (Carpaneto, et al; 2005: 654)

A Besta está a querer expandir-se na esfera da sociedade civil; vamos parar a sua estratégia. A Besta quando se refere à primeira publicação trimestral é ter como objectivo de desenvolver uma cultura para os interpretantes de forma que permita desenvolver nos corpos dóceis, que os expulsaram da grande rede através da luta das armas, de forma apriorística uma ligação face a esses

¹ Exemplo: após a derrocada do nazismo, os oficiais do Führer foram levados pelos representantes eleitos pelos corpos dóceis oriundos da grande rede ao tribunal de Nuremberga para responderem contra os crimes que cometeram contra a humanidade, o assassinato do representante máximo de Itália durante a segunda guerra mundial, Mussolini pelo povo e o suicídio voluntário de Adolf Hitler, são alguns dos muitos exemplos.

² O filósofo através da citação acima referenciada denomina os últimos profissionais da civilização por “...grande besta...” porque o seu objectivo continua ainda em quererem concentrar em si os processos que acredita o desenvolvimento civilizacional. A axiomização com o sistema permite não só acreditar que podem se tornar mais humanos, através de um elevado labor intelectual, como também a concentração dos processos contribui através da aplicação prática dos seus valores, para se sentirem poderosos, Deuses na Terra. A sua relação patológica com a realidade e consequente concentração do que se produz dentro do sistema ainda está a causar problemas sociológicos no que se refere ao seu modelo de desenvolvimento.

interpretantes “...No grafismo cuidado e na simplicidade das suas oito páginas de texto e imagem, ...” de modo que permita um desenvolvimento, que é feito através de “...novas contribuições de cultura e opinião...”, consistente com as condições priorísticas “...que mereça a atenção...” “...dos alunos, professores, artistas e técnicos profissionais...” em que se acredita os interpretantes para a recuperação não só da categoria como também do conceito em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real.

“...No grafismo cuidado e na simplicidade das suas oito páginas de texto e imagem, gostaríamos de iniciar uma obra que valha a pena coleccionar, que mereça a atenção das instituições, dos alunos, professores, artistas e técnicos profissionais. Gostaríamos que em cada novo número surjam, na forma de artigos, novas contribuições de cultura e opinião...”³

Saliento que estes profissionais “**João Pancada Correia**” estão a utilizar de forma oportunista conhecimentos na área da arquitectura para desenvolver nos corpos dóceis que os expulsaram da grande rede formas de anestesiamiento, que é feito na valorização de aspectos que acredita neste caso não a categoria mas sim o conceito em que se inscreve “...Os primeiros olhos que eram simplesmente dois pontos negros, deram lugar a partir de 1939 as duas pupilas negras plenas de expressão...” os interpretantes em que encerra o questionamento do texto.

O objectivo é de poderem de forma mais eficaz recuperarem os interpretantes neste caso não da categoria mas sim do conceito em que se inscreve numa das principais formas (desenho) da forma (arquitectura) do discurso que acredita a primeira forma de interpretação do real.

“...Os primeiros olhos que eram simplesmente dois pontos negros, deram lugar a partir de 1939 as duas pupilas negras plenas de expressão no imenso espaço branco de grandes olhos ovais animados por Fred Moore...”

“...Nas instruções dadas aos desenhadores do estúdio Disney recomenda, para definição do carácter e personalidade de Mickey: “Em certos filmes deverá ter um toque de Fred Astaire, em outros de Charlie Chaplin e alguma coisa de Douglas Fairbanks, mas em todos deverá ter alguma coisa de menino...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 1)

A estratégia de actuação da Besta para recuperar os interpretantes da categoria em que encerra o mito, assenta na valorização de determinadas narrativas “...A oficina é uma miniatura colorida do mundo e da realidade social do seu tempo ...” de interpretação do real.

A forma em que assenta a recuperação dos interpretantes da categoria em que encerra o mito, dentro do nível actual em que se encontra o desenvolvimento do projecto cultural, inscreve-se na tentativa de fazerem análise dos diversos recortes em que assentou as narrativas com o objectivo de ao fazer análise desses recortes “...consigo leva e trás as questões desse tempo e do lugar...” saber as condições em que assentou os presentamens que acreditou a existência dessas narrativas.

“...A oficina é um lugar fervilhante de acontecimentos, uma miniatura colorida do mundo e da realidade social do seu tempo, povoada de gente. O encomendador ali vai fazer a encomenda das imagens que representam as suas grandezas (por ventura misérias), glórias, crenças e frivolidade; consigo leva e trás as questões desse tempo e do lugar...”⁴

A análise das condições, que é feita na “...oficina...” enquanto “...lugar fervilhante de acontecimentos...” ou seja enquanto “...lugar...” de labor intelectual sob os discursos, que acreditou a existência dessas narrativas permite saber melhor quais deveram ser as condições em que se irá

³ Instituto de Artes e Ofícios (2002): publicação trimestral, Vol. -1, Ed. UAL

⁴ Instituto de Artes e Ofícios (2002): publicação trimestral, Vol. -3, Ed. UAL

inscrever os presentamens na nossa actualidade para acreditação da primeira forma de interpretação do real.

Estão a reforçar a análise dos recortes “... *Rubens muda-se para a casa no Wapper, uma antiga casa flamenga...*” que incorpora as narrativas “...*uma estadia prolongada em Itália...*” “...*volta para Antuérpia em fins de 1608...*” “...*nomeado pintor da corte pelos Arquiduques Alberto e Isabel que, desde 1598, governam a parte católica dos Países Baixos...*” com o objectivo de ao fazerem um discurso mais elaborado dos presentamens, “...*Rubens, que na Itália ganhou o gosto pelas grandes telas, passa a inspeccionar os trabalhos em curso...*” possam recuperar de forma mais eficaz os interpretantes que acreditam a existência dessas narrativas. A análise dos recortes permite saber as condições em que assentou os presentamens “...*Alguns retoques finais na criança, na palha e na taça. Principalmente esta ficou com falta de lustro...*” “...*o Mago ajoelhado, segurando o pé da criança...*” “...*Todavia, nada que não se possa recuperar com algumas pinceladas vigorosas...*” ou seja os interpretantes, para acreditação da categoria em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real.

“... *Em 1615 Rubens muda-se para a casa no Wapper, uma antiga casa flamenga adquirida por ele em 1610 e agora transformada, segundo os seus planos, numa elegante residência ao gosto italiano...*”

“...*Depois de uma estadia prolongada em Itália, Peter Paul Rubens (1577-1640) volta para Antuérpia em fins de 1608. A sua fama de pintor e humanista precede-o de forma que não tarda a ser nomeado pintor da corte pelos Arquiduques Alberto e Isabel que, desde 1598, governam a parte católica dos Países Baixos...*” “...*Rubens, que na Itália ganhou o gosto pelas grandes telas, passa a inspeccionar os trabalhos em curso...*”

“...*Pára em frente de uma tela que deve ter que deve ter pelo menos 2,5 vezes 3 e tal metros. A Adoração dos Magos, um tema recorrente, mas ao que parece, inesgotável...*” “...*Já não falta muito para a conclusão do quadro. Alguns retoques finais na criança, na palha e na taça. Principalmente esta ficou com falta de lustro. Também o Mago ajoelhado, segurando o pé da criança como se o quisesse beijar, ainda precisa de alguma atenção. Tecnicamente, está bem executado, mas sente-se-lhe a falta de vida. Todavia, nada que não se possa recuperar com algumas pinceladas vigorosas. O foco de luz está bem, mas as vestimentas vermelhas e amarelas dos outros dois Magos poderiam ter um pouco mais de luminosidade. Uma vez explicadas, mostra aos alunos como se põem as ideias em prática...*” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 4)

A análise elaborada do discurso que acreditou a categoria em que encerra o mito, têm como propósito saber quais foram as condições que acreditou a existência dessa forma de interpretação do real, contribuindo desse modo para intervirem na nossa actualidade de forma mais capaz na recuperação das condições que acredita a existência da categoria em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real.

Estão através da análise elaborada de um discurso “...*No lado esquerdo, com a manta vermelha a cair-lhe dos ombros, o soldado em cima do cavalo, espetando a lança no corpo de Cristo desfalecido. Maria Madalena, no canto inferior direito a desviar a cabeça em desespero. Nas cruzes laterais, a convulsão dos outros dois corpos em agonia...*” que acredita a categoria “...*Cristo na Cruz entre Dois Ladrões...*” em que encerra o mito: a identificarem análise de um discurso que acreditou a durabilidade da primeira forma de interpretação do real.

“...*Mas não é apenas a dimensão que o atrai. O tema também é interessante: Cristo na Cruz entre Dois Ladrões...O drama desta cena, já o captou na sua mente. No lado esquerdo, com a manta vermelha a cair-lhe dos ombros, o soldado em cima do cavalo, espetando a lança no corpo de Cristo desfalecido. Maria Madalena, no canto inferior direito a desviar a cabeça em desespero. Nas cruzes laterais, a convulsão dos outros dois corpos em agonia...*” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 5)

As estratégias de actuação inscrevem-se nos pressupostos acima enunciados.

O objectivo é analisarem as condições em que se inscrevem as formas, objectos e figuras que acreditaram neste caso a existência da categoria em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real com o objectivo de poderem intervir de forma mais eficaz na nossa actualidade de forma mais capaz na recuperação das condições que acreditou a existência da categoria em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real.

Estão a valorizar não só determinadas formas “...vasta colecção de pinturas...” “...esculturas, desenhos...” de interpretação do real como também estão a valorizar objectos “...antiquidades...” “...tapeçarias, objectos de marfim e pedras preciosas...” que acreditam a sustentação dessas formas, identificando figuras “...Cornelis fala-lhe da Vénus...” que acreditam a categoria em que encerra o mito, tornando-se desse modo numa forma que acreditou a durabilidade da primeira forma de interpretação do real.

“...Rubens, orgulhoso, mostra-lhe o busto recém-adquirido, além de algumas outras preciosidades da sua vasta colecção de pinturas, antiquidades, escultura, desenhos, tapeçarias, objectos de marfim e pedras preciosas. Mais uma vez, Cornelis fala-lhe da Vénus que gostaria de obter dele. Rubens ainda se faz difícil, mas no fundo já sabe que vai ceder...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002 : 5)

Outra forma que permite recuperar na nossa actualidade de forma mais eficaz as condições das formas que acredita a categoria como também do conceito em que encerra o mito, é na valorização do conceito (atelier) que assentou a creditação da primeira forma de interpretação do real.

Estão através da nomeação do conceito “...atelier...” que acreditou a sustentação da primeira forma de interpretação do real a identificar a importância que este conceito descrito no texto “...Não é por acaso que se diz que o seu atelier é um dos maiores, se não o maior da Europa...” teve para a durabilidade não só da categoria “...Desde a conclusão dos frescos na igreja, ...” mas sim também do conceito “...concluir a cena de caça na tela ao fundo da sala. Os gansos selvagens em fuga aos cães de caça...” que acreditou a existência da primeira forma de interpretação do real.

“...Rubens dá mais uma volta pelo grande atelier para supervisionar o andamento dos trabalhos. Está satisfeito. Desde a conclusão dos frescos na igreja, todas as mãos estão novamente disponíveis para avançar com os quadros. Não é por que se diz que o seu atelier é um dos maiores, se não o maior da Europa. Mas isso não é apenas o seu mérito, ele sabe-o. Sem este leque de colaboradores excelentes não tinha chegado onde chegou. Aliás, isso faz-lhe lembrar que amanhã terá que pedir a Snyders para concluir a cena de caça na tela ao fundo da sala. Os gansos selvagens em fuga aos cães de caça... ninguém consegue captar estas cenas como ele...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 5)

Outra forma que permite recuperar na nossa actualidade de forma mais eficaz as condições das formas que acredita neste caso o conceito (Mito Analítico) em que encerra o mito, é através de um pensamento discursivo do conceito (oficina) que assentou a creditação da primeira forma de interpretação do real.

Para recuperarem as condições em que se inscrevem os seus interpretantes dentro da nossa actualidade, estão através de um pensamento discursivo

“...Assim no apogeu do Séc. XVIII e ao longo de todo o Séc. XIX...”, a identificar a evolução do conceito “...oficina...” “...fervilham os ateliers a que dificilmente se poderia chamar de oficinas...” em que assentou as formas (pintura) “...número de pinturinhas...” que acreditou a existência da primeira forma de interpretação do real.

“...Assim no apogeu do Séc. XVIII e ao longo de todo o Séc. XIX, fervilham os ateliers a que dificilmente se poderia chamar de oficinas. Ali o mestre passa a quem o vê e ouve uma colecção de formulários, regras e pequenos truques exaltados que possibilitam à sociedade burguesa um caótico e enternecedor número de pinturinhas amáveis e descomprometidas...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Outra forma que permite recuperar as condições em que se inscreve os seus interpretantes dentro da nossa actualidade, é através da análise da evolução do conceito

“...Da oficina ao atelier, do atelier à escola de artes...” que acreditou a existência da primeira forma de interpretação do real.

“...Da oficina ao atelier, do atelier à escola de artes a organização social modifica-se e torna-se numa organização corporativa (oposta à da renascença ou das guildas holandesas), assente em subida na carreira e onde o talento e criatividade são apenas eventualmente determinantes...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Outra forma que permite recuperar as condições em que se inscreve os seus interpretantes dentro da nossa actualidade, é através da valorização etimológica *“...bonita a palavra oficina...”* do conceito que acreditou a existência da primeira forma de interpretação do real.

“...Uma oficina tem sons desencontrados, tem súbitas calmas e silêncios. Sob estes deve existir uma actividade latente e constante...”

“...É muito bonita a palavra oficina...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Formas de recuperação dos interpretantes do conceito (Mito Analítico) que acredita a primeira forma de interpretação do real:

As estratégias de actuação dos últimos profissionais **“João Correia”** para recuperar os interpretantes do conceito em que encerra o mito, assentam na valorização de determinadas narrativas de interpretação do real.

Esta narrativa de interpretação do real não se inscreve numa fase de tomada de consciência face ao sistema (Renascimento) que é reflexo das formas (pintura, escultura) de interpretação do real nomeadamente à obra de Leonardo da Vinci “A criação” que não é mais resultado de uma tomada de consciência face à categoria em que se inscreve o sistema.

As narrativas *“...A obra de Shakespeare...”* de construção do real que reflecte os interpretantes do texto *“O Sonho de uma Noite de Verão”* inscreve-se numa fase de relação com o sistema apesar de não haver ainda labor intelectual preconizado é indício das primeiras relações com o sistema. O romantismo é reflexo das primeiras fases de relação versus contemplação do sistema.

“...A obra de Shakespeare motivou artistas românticos nos primeiros anos de século XIX, pois imaginada e escrita em pleno Renascimento soube associar a natural influência clássica à frescura e encanto de uma poética profana, um gosto nascido na Itália do século XV...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

É nesta fase de relação com o sistema que os últimos profissionais estão a tentar em vão recuperar os interpretantes neste caso não da categoria mas sim do conceito (Analítico) *“...as lendas e os contos antigos...”* em que encerra o mito.

“...A dimensão trágica que inspirara o escritor inglês as lendas e os contos antigos transcritos por autores literários dos séculos XVII e XVIII, motivaram algumas obras – primas do Romantismo...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Estão a tentar recuperar os interpretantes do conceito através da importância que estes interpretantes têm para a criação de outras formas (música, teatro e poesia) *“...Um mesmo tema, uma mesma obra interessou poetas, músicos e pintores...”* de interpretação do real tornando-se assim numa forma mais eficaz de recuperarem o conceito que acredita a primeira forma de interpretação do real.

“...”O Sonho de Uma Noite de Verão”, que inspirou os talentos musicais de Purcel e Mendelssohn, e as imagens pintadas com teatralidade por Heinrich Fussli. Sempre associei a descrição romântica do sentido inebriante do amor a estas obras, onde, pelo texto, música e imagens, o relato do sonho é essencialmente épico e poético. Um mesmo tema, uma mesma obra interessou poetas, músicos e pintores...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Estão a utilizar de forma oportunista as formas (cinema) *“... e um filme a Woody Allen. Ver ou rever “Comédia Sexual Numa de Verão...”* actuais de interpretação do real como uma forma para recuperarem de forma mais eficaz os interpretantes do conceito *“...inventor são fadas que, voando, regressam quatrocentos anos depois ao local onde nasceram...”* que acredita a primeira forma de interpretação do real.

*“...”Sonho de uma Noite de Verão” inspirou a Britten uma ópera, e um filme a Woody Allen. Ver ou rever “Comédia Sexual Numa de Verão...”*As pequenas luzes que no final do filme irradiam da máquina do inventor são fadas que, voando, regressam quatrocentos anos depois ao local onde nasceram inspiradas pela densa escuridão da floresta onde também há ribeiros e clareiras...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Saliento que estes profissionais **“Paulo Oliveira”** estão a utilizar de forma oportunista conhecimentos na área da psicologia para desenvolver nos corpos dóceis que os expulsaram da grande rede formas de anestesiamento *“...Os sinais fazem parte da vida quotidiana...”* face aos interpretantes em que encerra o questionamento do texto.

O objectivo é de poderem de forma mais eficaz recuperarem os interpretantes não só da categoria como também do conceito em que encerra a primeira forma de interpretação do real.

“...Os sinais fazem parte da vida quotidiana de quem escoia nas cidades: <<em frente>> vire para ali>>; << nem pense>>! Geralmente são monocórdicos e pouco amigáveis, destinados não a fazer o indivíduo reflectir ou deleitar-se nos sentidos mas apenas estimular-lhe os reflexos. Não é raras as placas metálicas esbaterem as verdadeiras obras de arte urbanas nas cores necessariamente agressivas que regulam os fluxos de tráfego de veículos e peões. (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 2)

Formas de recuperação dos interpretantes do conceito (Mito Analítico) que acredita a primeira forma de interpretação do real:

Estão através da análise das condições *“...um dos temas – chave nele consagrado, foram os “concheiros de Muge...”* em que se inscreve o discurso *“...O Mesolítico no território português...”* justificarem a importância dos interpretantes para acreditação do conceito em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real,

“... O Mesolítico no território português suscitou praticamente desde os primórdios da investigação arqueológica no país, um grande interesse por parte dos investigadores nacionais e estrangeiros. De tal forma, que no congresso de pré-história de 1880, realizado em Lisboa, um dos temas – chave nele consagrado, foram os “concheiros de Muge...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

A estratégia de actuação dos últimos profissionais para a recuperação dos interpretantes inscreve-se na valorização de discursos, *“...é uma das áreas com presença, diríamos quase obrigatória no panorama da arqueologia portuguesa...”* identificando as primeiras condições em que se inscreveu esses discursos *“... vão identificar, desenvolver trabalhos arqueológicos e publicar os primeiros materiais recolhidos no Cabeço da Arruda,...”* para acreditação da primeira forma de interpretação do real.

“...Desta forma Muge é uma das áreas com presença, diríamos quase obrigatória no panorama da arqueologia portuguesa do século passado. Nomes como Carlos Ribeiro, Pereira da Costa, Nery Delgado ou Paula e Oliveira, vão identificar, desenvolver trabalhos arqueológicos e publicar os primeiros materiais recolhidos no Cabeço da Arruda, Fonte do Padre Pedro e Moita do Sebastião...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

Outra forma de recuperação dos interpretantes inscreve-se numa análise desenvolvida dos discursos *“...Uma primeira nos anos 30...”* até à nossa contemporaneidade, *“... a última fase de investigação ali realizadas nos anos 50 e 60...”* identificando de forma elaborada as condições em que se inscreveu esses discursos *“...identificaram-se 2 concheiros na ribeira do Vale da Fonte da Moça...”* para acreditação do conceito em que se inscreve a primeira forma de interpretação do real.

“...Já no século XX vão surgir duas fases de grande incremento nos estudos de Muge. Uma primeira nos anos 30, em que como veremos, o espólio antropológico até ali recuperado, vai ser alvo de polémica entre dois grandes antropólogos, Henri Vallois e Mendes Corrêa. Finalmente, em Muge, a última fase de investigação ali realizadas nos anos 50 e 60, por Jean Roche e Veiga Ferreira. Já nos anos 80 e 90, no complexo arqueológico mesolítico de Muge identificaram-se 2 concheiros na ribeira do Vale da Fonte da Moça, onde se desenvolveram trabalhos arqueológicos orientados por Farinha dos Santos. Tendo ainda no referido período, o autor deste trabalho, iniciado no Vale de Magos trabalhos arqueológicos no concheiro do Cabeço dos Morros. Actualmente, reiniciamos um projecto de investigação e preservação nos concheiros do Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

O objectivo destes profissionais é analisar a evolução do conceito, discurso (interpretação dos interpretantes), que acredita o desenvolvimento das condições, intervir cognitivamente sob os interpretantes, em que se inscreveu acreditação do conceito (Mito Analítico) em que encerra o mito, com o objectivo dentro do nível actual de desenvolvimento do projecto cultural, saber quais deverão ser as condições em que se irá inscrever os interpretantes para acreditação do conceito em que encerra a primeira forma de interpretação do real.

Estão através da análise do conceito *“...Um dia no atelier...”* identificar o espaço físico em que se inscreve a forma *“...são os espaços que verdadeiramente nos falam do estilo de vida do pintor...”* que acredita tanto o conceito (Mito Analítico) como a categoria (libertador) *“...Perto de 2500 pinturas religiosas e mitológicas, retratos, paisagens e ilustrações são-lhe atribuídos ou ao seu atelier, ...”* da primeira forma de interpretação do real.

“...Um dia no atelier de Peter Paul Rubens...” “...Enquanto o interior da zona habitacional mantém as características de uma casa de patricios flamengos, a galeria de arte e o estúdio são os espaços que verdadeiramente nos falam do estilo de vida do pintor e do ambiente da sua prolífica produção artística...” “...Perto de 2500 pinturas religiosas e mitológicas, retratos, paisagens e ilustrações são-lhe atribuídos ou ao seu atelier, ...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 4)

Estão através de uma interrogação analítica do discurso, “...o que levanta a pergunta de como terá conseguido essa proeza...”, desenvolver as condições dos interpretantes, “...como Ruben organizou o seu trabalho, ...” ou seja “...como...” “...organizou...” de forma priorística a recuperação dos seus interpretantes no que se refere ao discurso, que acredita a existência da primeira forma de interpretação do real, que é feito através da valorização de um pensamento analítico “...uma breve viagem...” “...ao 25 de Novembro de 1619...” na ausência “...imaginária...” dos seus interpretantes.

“...Perto de 2500 pinturas religiosas e mitológicas, retratos, paisagens e ilustrações são-lhe atribuídos ou ao seu atelier, o que levanta a pergunta de como terá conseguido essa proeza. A fim de ganhar uma melhor ideia do seu atelier e da forma como Ruben organizou o seu trabalho, vamos fazer uma breve viagem imaginária ao 25 de Novembro de 1619 ...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 4)

Argumentemos o fim dos interpretantes que sustenta o pensamento analítico, enquanto análise aproximada da realidade, valorizemos o desenvolvimento dos interpretantes que acredita a existência do pensamento sintético, conhecimento presente da realidade.

Estão a identificar através da equipa de profissionais, a recuperação dos interpretantes do conceito em que encerra o mito, uma análise bastante elaborada “...divulgar junto do grande público, todo o conhecimento adquirido...” dos discursos que acredita a primeira forma de interpretação do real.

“...Assim na sequência do trabalho de investigação arqueológica desenvolvido nesta região do baixo vale do Tejo, pelo Centro de Estudos de Arqueologia da UAL, colocou-se-nos a necessidade de divulgar junto do grande público, todo o conhecimento adquirido...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

Por um lado a recuperação dos interpretantes evidencia uma análise bastante detalhada das condições em que se inscreve esses interpretantes para acreditação do conceito em que encerra o mito, por outro lado estão a justificar a existência desses interpretantes “...criação de um Parque Temático...” em todo o tecido social, dentro do actual nível em que se encontra o desenvolvimento do projecto cultural, “...para o desenvolvimento do conceito global que defendemos...” com o objectivo de tornar-se numa forma mais eficaz para a recuperação dos seus interpretantes.

“...Decidimos assim avançar para a criação de um Parque Temático, o qual, no nosso ponto de vista, será a melhor solução para o desenvolvimento do conceito global que defendemos...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

Estão a identificar prioristicamente as condições em que se inscreve a recuperação dos seus interpretantes, nomeadamente através de uma relação de quantidade modal “...desenvolvemos dois espaços de divulgação...” para acreditação da primeira forma de interpretação do real.

O objectivo depreende-se como deve ser dado aos corpos dóceis as condições elaboradas “...dois espaços de divulgação...” em que se inscreve esses interpretantes para que possam estabelecer uma relação de ligação “...se sentissem integrados no contexto espaço -temporal que pretendem conhecer. Mas como consegui-lo?...” face a esses interpretantes; para esse efeito pretendem que o povo se relacione

“...Consideramos necessário que para atingirmos os objectivos da criação do Parque seria importante desenvolvermos dois espaços de divulgação interactivos, onde os visitantes se sentissem integrados no contexto espaço -temporal que pretendem conhecer. Mas como consegui-lo?...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

com esses interpretantes através da estimulação da primeira forma (sensibilidade) de relação interpretativa do real “...*contexto espaço – temporal...*” utilizando um espaço “...*Estudo inicial para o Centro Interpretativo, cena de inumação...*” que terá como propósito em se tornar numa forma que permite o desenvolvimento das condições dos interpretantes junto dos corpos dóceis que os expulsaram da grande rede através da luta das armas.

As potencialidades das tecnologias “...*Figuras tridimensionais...*” enquanto forma de desenvolvimento das condições a priori em que se inscreve a qualidade de relação face a esses interpretantes como também o desenvolvimento priorístico do conceito (discurso) até aos nossos dias

*“...Figuras tridimensionais estáticas (humanas e de animais);
Réplicas de materiais arqueológicos;
Reconstituições digitalizadas;
Espaços de visualização informatizados;
Todo o conjunto de dados científicos reunidos até hoje:
E no final uma pequena experiência lúdica dedicada aos mais jovens...”* (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

contribui para que os corpos dóceis saibam melhor interpretar as condições em que se inscreve esses interpretantes para acreditação da primeira forma de interpretação do real.

“...O segundo espaço escolhido para o desenvolvimento do Parque é o ideal para apresentar ao público, tudo o que foi a realidade passada desta região, bem como todo o trabalho arqueológico aqui desenvolvido, desde o século XIX até aos nossos dias. A finalidade deste Centro, que se localizará na antiga Fábrica de descasque de arroz da Casa Cadaval em Muge, é a de informar, todos os que o visitarem, das potencialidades do património cultural da região...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

Outra forma que permite desenvolver as condições priorísticas do conceito (discurso) passa não só por uma análise da evolução do conceito “...*tudo o que foi a realidade passada desta região...*” mas sim passa pela utilização das tecnologias “...*túneis uma reconstituição em base digital 3 D sobre a evolução da temática do Parque...*” inscritas dentro do “...*Centro Interpretativo...*” enquanto forma de desenvolvimento

“...Em seguida, o espaço central, onde se desenvolverá em dois vídeos – túneis uma reconstituição em base digital 3 D sobre a evolução da temática do Parque...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 3)

das condições em que se inscreve os interpretantes para acreditação do conceito no que se refere à primeira forma de interpretação do real.

“...Macau é construída e desenvolve-se urbana, política, económica e socialmente em condições extremamente peculiares, e numa época de grande dinamismo e profundas transformações no mundo católico, apostólico, romano; o movimento da contra-reforma, o Conselho de Trento, e acção dos papas do final da Renascença como Júlio II, vão lançar as bases para um movimento artístico, científico e do pensamento, que culminaria com o triunfo do “Barroco...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 7)

Após terem tomado consciência da posição (~1590)⁵ em que se inscreviam nesse dado sistema desenvolveram medidas como afirmam: “...e boas condições de abastecimento de água potável, um abrigado porto para as trocas comerciais, suaves colinas e mansas enseadas, a Baía da Praia Grande e a Baía da Praia Pequena...” para a concentração mais localizada do que se produzia dentro desse sistema.

“...A pequena península no imenso delta do Rio das Pérolas, ligada à grande ilha de Heung-San, por um estreito e longo istmo, fazendo lembrar o caule de uma delicada folha de lótus, possuía um bom FengShui, e boas condições de abastecimento de água potável, um abrigado porto para as trocas comerciais, suaves colinas e mansas enseadas, a Baía da Praia Grande e a Baía da Praia Pequena...” (Artes e Ofícios, instituto de 2002: 7)

Para esse efeito o labor intelectual⁶ preconizado antes da tomada de consciência nesse dado sistema contribui através da aplicação das “...bases...” pôr-se em prática “...um movimento...” “...científico...” de forma que pudesse se tornar numa ferramenta que permitisse o desenvolvimento mais localizado do que se produzia no sistema.

O Barroco é a forma que identifica a relação do homem face ao sistema contribuindo desse modo para que através da transposição dos seus aspectos para as suas obras poder tornar-se numa forma mais eficaz na acreditação da categoria em que encerra a primeira forma de interpretação do real, que foi feito na valorização dos interpretantes do conceito (Mito Analítico) que acredita a categoria em que encerra o mito.

O “...triumfo do “Barroco”...” é um processo que se inscreve após a tomada de consciência face ao sistema por esse motivo querem desenvolver labor intelectual dentro do sistema que é feito através de um processo cognitivo com os interpretantes “...vão lançar as bases para um movimento artístico, científico e do pensamento...” que acredita neste caso a existência de um sistema que se inscreve na primeira forma de interpretação do real.

O “...triumfo do “Barroco”...” como afirmam os últimos profissionais torna-se numa prova credível que identifica que após de terem tomado consciência face ao sistema não terem substituído os valores do mito analítico através do seu labor intelectual mas sim reforçarem a durabilidade⁷ da sobrevivência da categoria (libertador) do mito enquanto forma de acreditação da primeira forma de interpretação do real com o objectivo de poderem perdurar o modelo de desenvolvimento localizado do sistema.

Nesta fase já tinham concluído da sua falsa crença nomeadamente no que diz respeito às causas em que se inscreviam os níveis de concentração dos processos que se reflectiam na qualidade em que se inscrevia a sua axiomização e por essa via a sua redenção e por esse motivo

⁵ A tomada de consciência face ao sistema afirma-se na criação, como afirma o filósofo Michel Foucault a “Grande Reclusão”, dos Lares Públicos.

⁶ A afirmação de labor intelectual dentro do sistema inscreve-se na construção de artefactos \ tecnologias que permite o homem estender a sua relação versus domínio face ao meio.

⁷ Os últimos profissionais tiveram como objectivo após a tomada de consciência face ao sistema desenvolverem um labor intelectual sob os interpretantes que acredita a primeira forma de interpretação do real de forma que pudessem desenvolver a acreditação dos interpretantes enquanto forma de acreditação de uma dada forma de interpretação do real.

Por essa via desenvolveram os interpretantes de modo que os corpos dóceis ligassem a esses interpretantes de modo que pudessem desenvolver de forma adequada uma interpretação priorística dos seus interpretantes enquanto forma de acreditação da categoria em que se inscreve na primeira forma de interpretação do real.

Desse modo o labor intelectual sob esses interpretantes debruçou-se numa primeira fase na forma como esses interpretantes são desenvolvidos por parte dos corpos dóceis. Os aspectos que identificam a existência dos interpretantes prioristicamente; exemplo: Luz, sombra, cor, escala enquanto forma de desenvolvimento do imaginário e estruturação do real, por parte dos corpos dóceis, condições apriorísticas; são aspectos decisivos para a durabilidade da categoria em que se inscrevia na primeira forma de interpretação do real.

pelo facto de saberem da sua falsa crença que é reflexo do seu labor intelectual efectuado através da transposição dos vários aspectos do conceito para as suas obras.

A transposição dos vários aspectos para as suas obras é uma prova que identifica não só a tomada de consciência, interpretação empírica do sistema, como também há conhecimento do sistema, labor intelectual, ou seja já sabem quais são as condições que se inscreve a creditação da existência de um sistema que se inscrevia na creditação da categoria em que assentava a primeira forma de interpretação do real.

E por esse facto de saberem as condições em que se inscreve a existência do sistema a medida adoptada não foi terem substituído gradualmente os valores do mito analítico libertador pelos valores nascidos através do seu labor intelectual mas sim reforçarem a durabilidade do sistema pelo facto que acreditava os seus propósitos de actuação que era tirar através do desenvolvimento localizado a máxima qualidade de vida, que era feito através da concentração dos processos, nem que para isso deixa-se o povo na miséria ou seja na ausência no acesso aos processos que acreditava a sua relação com o sistema.

Bibliografia

Instituto de Artes e Ofícios (2002): publicação trimestral, Vol. -1, Ed. UAL.

Instituto de Artes e Ofícios (2002): publicação trimestral, Vol. -3, Ed. UAL.

Sloterdijk, Peter (2002) A mobilização infinita: para uma crítica da cinética política., Lisboa: Ed. Relógio d' Água.

Liotard, Jean, François (1996) Moralidades pós-modernas, São Paulo: Ed. Papyrus.

Carpaneto, Dino [e tal] (2005) história universal: o século das luzes, vol 10, Ed. Planeta de agostini, Lisboa